

DATA 12/08/92

PÁGINA 4

CADERNO 19

 MANCHETE PRINCIPAL MANCHETE SECUNDÁRIA

Orestes Quércia

**'Hoje, impeachment não passaria'**

BRASÍLIA — Apesar das provas reunidas pela CPI do PC e do clima no país, o presidente do PMDB, Orestes Quércia, reconhece que a oposição não tem condições de aprovar hoje o **impeachment** do presidente Collor. Mas acredita que a pressão popular sobre o Congresso será tão forte que até o PFL acabará votando a favor.

**O GLOBO** — Mesmo sabendo ser difícil conseguir aprovar o impeachment do presidente Collor na Câmara, a oposição vai tentar?

**QUÉRCIA** — Não existe alternativa, não para a oposição, mas para o próprio Congresso, a não ser discutir concretamente e votar esse processo de **impeachment**. E o Governo não pode ficar cantando vitória antes do tempo porque a pressão sobre o Congresso vai ser muito forte.

**O GLOBO** — Nesse caso, qual a estratégia da oposição para tentar convencer o PFL e outros partidos do bloco a aprovarem o impeachment?

**QUÉRCIA** — Não é bem a oposição que vai convencer o PFL. Na medida que vai se comprovando o envolvimento do presidente com Paulo César Farias, fica também extremamente difícil que não haja uma reação popular. Nem o PFL vai conseguir ficar contra o povo. E o povo vai pressionar o Congresso.

**O GLOBO** — Com os dados disponíveis sobre a posição do Congresso, é possível prever o resultado dessa votação?

**QUÉRCIA** — No quadro de hoje, o **impeachment** não passa. Mas a avaliação imediatista não é a mais correta. O mais correto, a meu ver, é aguardar a reação popular. E não tenho dúvida de que ela será muito forte. Ao lado disso, vão surgir processos no Ministério Público, com base na conclusão do inquérito da CPI da Polícia e da Receita Federal. Tudo isso constitui um conjunto de provas irrefutáveis, e o Congresso não terá outra saída.

**O GLOBO** — A oposição levará a campanha para as ruas?

**QUÉRCIA** — A opinião pública está muito sintonizada, acompanhando



Quercia: povo nas ruas pode mudar PFL

essa questão e ela própria acabará se mobilizando. Quanto à campanha, vai depender de melhor avaliação dos partidos de oposição. O PMDB, por exemplo, poderá fazer manifestações nas ruas e nada impede que isso se faça em conjunto com o PT e o PSDB.

**O GLOBO** — Qual deve ser o quorum para deliberar sobre a aceitação da denúncia pela Câmara: maioria simples ou dois terços?

**QUÉRCIA** — Tenho avaliações que me levam a concluir que não é preciso dois terços para a admissibilidade do processo de **impeachment**. A lei não diz que, para a primeira votação, o quorum deva ser de dois terços, mas determina que, para a votação seguinte, a que aprova o **impeachment** para ser encaminhado ao Senado, o quorum é de dois terços.

**O GLOBO** — Parlamentares do

DATA 12/08/92

PÁGINA 04

CADERNO 1º

 MANCHETE PRINCIPAL MANCHETE SECUNDÁRIA

Governo questionam a atribuição do presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro, de decidir sozinho pela aceitação de denúncias contra o presidente, sem ouvir a mesa, na qual eles alegam ter maioria.

**QUÉRCIA** — Isso sempre foi assim. Nos processos envolvendo prefeitos, o presidente da Câmara também decide pela aceitação formal da denúncia. Isso é desespero, mas eles não vão ganhar nem no tribunal.

**O GLOBO** — O senhor tem certeza de que o senador Amir Lando vai citar o presidente Collor em seu relatório?

**QUÉRCIA** — Certeza, não tenho. Ele vai decidir livremente e, acredito, com base nos pareceres das subcomissões. Mas, pelo que a CPI já apurou, acho muito difícil não citar o presidente da República no relatório.

**O GLOBO** — Para o candidato Orestes Quércia, qual a melhor solução para a crise: destituir Collor ou fazer campanha em clima de um presidente enfraquecido?

**QUÉRCIA** — Não existem soluções eleitorais porque não existe a candidatura Quércia. Mas, para o presidente do PMDB, a melhor solução é aquela para a qual, tudo indica, o Congresso está caminhando: a necessidade de apurar todas as denúncias, doa a quem doer. Do contrário, a sociedade não vai julgar apenas o presidente da República, mas os partidos e todos os seus representantes no Congresso.

**O GLOBO** — O senhor acredita que o vice-presidente Itamar Franco terá condições de governabilidade, no caso de ter que assumir no lugar do presidente Collor?

**QUÉRCIA** — Se houver o afastamento do presidente Collor, acho que sim. As condições de governabilidade são dadas pela Constituição, que também retira as condições de governabilidade de quem comete crime de responsabilidade e assume comportamento incompatível com o exercício do cargo.

**O GLOBO** — Se o presidente Collor permanecer no cargo, a política

econômica deve permanecer também intocável?

**QUÉRCIA** — O PMDB sempre foi contra a política recessiva num país de imensas desigualdades, cuja população é composta em 80% de miseráveis. A política econômica do Governo está provocando uma tragédia nacional.

**O GLOBO** — O senhor acha que os chamados ministros sérios do Governo deveriam renunciar?

**QUÉRCIA** — Para mim, todos os atuais ministros são sérios. Por isso, não tenho dúvida de que todos estão numa posição desconfortável, intranquila e constrangedora no Governo. Agora, cabe aos ministros e não a mim fazer a avaliação do que é melhor para eles.

**O GLOBO** — O Governo acha estranho sua aliança com Lula

**QUÉRCIA** — O Governo não tem que achar nada. Quem acha isso é o pessoal do PMDB, principalmente de São Paulo, que me cobra de estar sempre com Lula. E, para meus companheiros, eu repito isso: estou unido com Lula na mesma tese. Isso é saudável numa democracia.

**O GLOBO** — O Governo também alega que o senhor não pode condenar o PC porque o PMDB sempre teve seu caixa de campanhas.

**QUÉRCIA** — Não se pode misturar PC com caixas de campanha. Ninguém tem o direito de fazer essa comparação. PMDB, PT, PSDB e outros partidos, realmente, têm caixas de campanha. Mas o PC não fez apenas caixa de campanha, ele fez muito mais e esse muito mais é que não é correto.

**O GLOBO** — O senhor acha mesmo que o presidente Collor tem culpa nisso tudo?

**QUÉRCIA** — Acho que pela inexperiência, pela falta de humildade, ele foi levado a isso tudo pelo grupo que o cercava. Ele pecou pela inexperiência ou pela muita experiência. Acho que foi pela inexperiência mesmo. Mesmo assim, um homem que assume a responsabilidade de governar o país não poderia ter se deixado levar pela ação danosa do grupo que o cercava.